



Por Valmir Santos\*

### O musical beija-flor do Grupo Andaime

à memória de Adauto Santos, tocador de vida e viola

O estandarte à esquerda do palco, um forte símbolo presente em manifestações populares de rua, não deixa dúvidas quanto à bandeira que o Grupo Andaime carrega em sua 11ª criação para o palco em 23 anos de trajetória. As raízes da cultura caipira do interior paulista servem de mote ao musical “As Patacoadas de Cornélio Pires”, um passeio afetivo sobre a vida, a prosa, os sonetos e as idéias do paulista do título que levou a sério esse modo de ser e de agir do homem e da mulher do campo ou da roça.

Cornélio Pires (1884-1958) não desponta propriamente como personagem. Responsável pela costura dramaturgica, o diretor Luís Carlos Laranjeiras propõe o que chama de “uma estrepolia musical em dois atos e uma chegada”. Ao curto prólogo biográfico, ele emenda uma feira de causos que fazem jus à devoção e à generosidade da mirada corneliana para com o homem do campo, de fazer par à ode de Euclides da Cunha ao sertanejo em “Os Sertões”.

O grupo vinculado à Universidade Metodista de Piracicaba e ancorado pelo ator e cofundador Antonio Chapéu alcança sinergia com Laranjeiras ao permear a musicalidade nata com certa disponibilidade para o risco. Como o Andaime já visitara a cultura “caipiracicabana” nos anos 1990, o desafio é fugir do lugar comum. E “Patacoadas” consegue. Dois exemplos.

Na cena do poema “Um Beijo”, tudo é dito por meio da ação física de dois intérpretes, um silêncio que põe a platéia em suspensão. Súbito, a luz e uns poucos itens do cenário nos transportam para dentro da capela em que o rapaz beija o beijo da amada nos pés nus da escultura de Cristo, fundindo sagrado e profano no que lhe é possível dissimular em comunidade religiosa.

Outro destaque é a sequencia dos malassombros, quando são evocadas entidades fantásticas como o Saci Pererê, a Cuca e a Caipora. O tom sobrenatural é reforçado pelos rostos iluminados no breu enquanto um grupo de homens esconjura os espectros de uma encruzilhada. Nessa atmosfera tensa, a viola cede à guitarra elétrica para emprestar um surpreendente clima gótico à narrativa transcorrida entre velas e cruces. Aqui, Andaime/Laranjeiras imprimem plasticidade diversa daquele meio, num deslocamento mais que bem vindo: amplia o horizonte





cênico sobre o tema. O achado deve ter entusiasmado tanto os criadores que se prolonga além da conta, turvando um pouco o entendimento do que se passa naqueles minutos. É preciso clareza mesmo sob sombras.

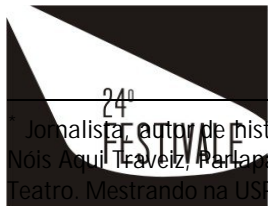
Evidentemente, a música é componente seminal no espetáculo. Uma musicalidade que transpassa os arranjos instrumentais e sustenta-se também por meio da oralidade, o “já que tá, que fique”, língua própria que ganha um merecido glossário a certa altura, sinal de atenção do grupo ao outro, o ser urbano. Em contrapartida, a visão estereotipada do caipira aparece na cena em que um sobrinho universitário da cidade grande visita o tio e desfila clichês sobre o caipira.

Tal exercício crítico da montagem poderia enveredar ainda pela autocrítica, lançando um olhar de dentro para fora através do qual os artistas se debruçassem, por exemplo, sobre o machismo latente nessa cultura. Esse arcaísmo do mal, digamos assim, não é colocado em contraste sociopolítico. São sete homens em cena, incluindo o músico, e apenas uma mulher. Invariavelmente, ela aparece a reboque, como a dona do lar de avental e vassoura na mão. O quadro da parteira, na pele de um ator, ao menos desvenda a sapiência e o poder femininos sincrônicos à mãe natureza.

De um modo geral, as interpretações mimetizam o tipo caipira sem apelo facilitador. Os atores cumprem suas demandas a contento, inclusive quando preparam terreno para o outro colega que vai entrar na cena seguinte. Com exceção à cena das aparições, não há quebra de ritmo; antes, entrosamento.

O painel retratado é vasto e a pesquisa de fôlego transparece em “Patacoadas” como uma sinfonia de gestos, sonoridades e hábitos matriciais de uma identidade. São antípodas aos tempos pragmáticos de desterritorialização, de desenraizamento. O projeto captura a alma, o sentimento, a dolência e a fé dadivosa dessa gente tão bem representada na canção final, “Cuitelinho”, uma composição folclórica recolhida por Paulo Vanzolini e Antônio Xandó. A calorosa receptividade do público a esse musical beija-flor reflete a identificação com a vida interiorana, universo afeito aos moradores do Vale do Paraíba e de muitos outros Brasis.





# Festival Nacional de Teatro do Vale do Paraíba

Jornalista e ator de históricos de coletivos de Teatro como Armazém Companhia de Teatro, Tribo de Atadores Ói Nós Aqui Traveiz, Parlanatões, Patifes & Paspalhões e Grupo XIX de Teatro. Integra o júri paulista do prêmio Shell de Teatro. Mestrando na USP. Foi repórter do jornal Folha de S.Paulo (1998-2008).

## Crítica



FUNDAÇÃO  
CULTURAL  
CASSIANO  
RICARDO

*Cultura sem limites*

[www.fccr.org.br](http://www.fccr.org.br)